Programa de Pós-Graduação em Educação
Universidade do Estado do Pará
Belém-Pará-Brasil

Revista Cocar, Belém, V.24, N.42, p. 1-17, 2026 ISSN: 2237-0315

Divulgação científica em movimento: mídias e aprendizagem no Bosque da Ciência (INPA)

Science Communication in the Amazon: media and learning at the National Institute of Amazonian Research

Diana Magalhães Martins
Luciane Lopes de Souza
Silvia Regina Sampaio Freitas
Rosilene Gomes da Silva Ferreira
Universidade do Estado do Amazonas (UEA)
Manaus/AM-Brasil

Resumo
Com o avanço das mídias digitais e a necessidade de aproximar a ciência da sociedade, a divulgação científica se destaca como estratégia de democratização do conhecimento e fortalecimento da alfabetização científica. Nesse contexto, espaços não formais de educação assumem papel pedagógico relevante. Este artigo analisa como o Bosque da Ciência, vinculado ao Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia e localizado em Manaus (AM), utiliza o *Instagram* como ferramenta de divulgação científica. A pesquisa qualitativa e exploratória examinou quinze postagens do perfil institucional, entre novembro de 2024 e junho de 2025, categorizadas em divulgação de atividades, curiosidades, conteúdos educativos e pesquisa amazônica. Os resultados mostram que o Bosque integra recursos visuais, linguagem acessível e temas sobre biodiversidade, fortalecendo práticas educativas e aproximando ciência e sociedade.
Palavras-chave: Alfabetização Científica; Popularização da Ciência; Linguagem Acessível.

Abstract
With the advancement of digital media and the need to bring science closer to society, science dissemination stands out as a strategy for democratizing knowledge and strengthening scientific literacy. In this context, informal educational spaces play a key pedagogical role. This article analyzes how the Bosque da Ciência of the National Institute for Amazonian Research (INPA) in Manaus, Amazonas, uses Instagram as a science dissemination tool. This qualitative exploratory study examined 15 posts from INPA´s institutional profile between November 2024 and June 2025, and categorized them as activities, curiosities and educational content, and Amazonian research. The results show that the Bosque integrates visual resources, accessible language, and biodiversity themes, strengthening educational practices and bridging the gap between science and society.
Keywords: Scientific Literacy; Popularization of Science; Accessible Language.

Divulgação científica em movimento: mídias e aprendizagem no Bosque da Ciência (INPA)

Introdução

Em um cenário marcado pelo crescimento das mídias digitais e pela intensificação do acesso à informação, a divulgação científica (doravante DC) tem ocupado um papel cada vez mais estratégico na construção de uma sociedade mais crítica, participativa e cientificamente alfabetizada. Segundo Bueno (2010) e Fioresi e Silva (2022), ao buscar aproximar o conhecimento produzido no meio acadêmico dos diferentes públicos sociais, a DC se apresenta como um importante instrumento da relação entre ciência e sociedade. Nesse contexto, os chamados espaços não formais de educação em ciências, como museus (Barros *et al.*, 2024), jardins botânicos (Brito *et al.*, 2025), zoológicos (Silva *et al.*, 2025) e demais ambientes culturais e ambientais, assumem uma função educativa que ultrapassa os limites da sala de aula tradicional (Souza *et al.*, 2023). Tais espaços oferecem experiências de aprendizagem mais livres, interativas e contextualizadas, promovendo o encantamento, a curiosidade e o interesse pelo conhecimento científico.

Entre esses espaços, destaca-se o Bosque da Ciência, vinculado ao Instituto Nacional de Pesquisas da Amazônia (doravante INPA), que, ao longo de sua trajetória, tem desempenhado um papel relevante na DC e na valorização do contexto amazônico como território de conhecimento. O Bosque tem ampliado sua atuação educativa ao ocupar de forma ativa as mídias digitais, especialmente por meio do *Instagram*, plataforma em que divulga atividades, curiosidades, pesquisas e ações voltadas à educação científica e ambiental. Segundo Souza *et al.* (2025), essa presença digital alia elementos informativos e visuais, bem como aponta para uma transformação nos modos de mediação do conhecimento, permitindo que espaços não formais expandam seus alcances e promovam aprendizagens para além de suas fronteiras físicas.

Diante do cenário amazônico, onde o acesso à informação científica ainda enfrenta obstáculos estruturais e culturais, compreender as estratégias de divulgação utilizadas por instituições locais torna-se fundamental para refletir sobre os processos de mediação do conhecimento e valorização da ciência produzida na região. Sendo assim, este artigo analisa como o Bosque da Ciência utiliza o *Instagram* como ferramenta de DC, articulando conteúdos relacionados à ciência amazônica, à educação ambiental e à promoção do espaço como ambiente não formal de ensino de ciências.

O papel da divulgação científica

De acordo com Massarani e Moreira (2016), a DC tem sido historicamente compreendida como o conjunto de práticas voltadas à comunicação de conhecimentos científicos ao público não especializado para ampliar o acesso e democratizar o saber. Entretanto, nas últimas décadas, essa concepção tem se ampliado, de modo que a DC deixou de ser vista apenas como transferência de informações e passou a ser compreendida também como prática pedagógica e cultural (Souza; Freitas, 2023). A DC tem se consolidado como um campo fundamental tanto para a circulação social de ideias quanto para o fortalecimento da educação em ciências. Mais que mera transmissão de informações, ela se constitui como prática discursiva, social e epistemológica, com diferentes formas textuais e linguagens.

Nesse sentido, Fioresi e Silva (2022) destacam que a DC deve ser compreendida como parte do processo de produção, circulação e textualização do conhecimento científico, sendo constituinte da própria ciência e não apenas sua exteriorização. Ao refletir sobre sua função, Lorenzetti *et al.* (2021) ressaltam que a DC não se limita a aspectos técnicos ou metodológicos, mas envolve dimensões metafísicas como o porquê e para quem divulgar ciência. A cultura científica, nesse sentido, amplia-se para além do ensino formal, abarcando também espaços não formais e informais, em que a ciência dialoga com diferentes públicos e contextos.

Espaços não formais e divulgação científica na Amazônia

O processo de ensino-aprendizagem pode ocorrer em dois tipos de espaços: formal e não formal. O espaço não formal é qualquer espaço que seja diferente da escola, onde também pode ocorrer a ação educativa (Jacobucci, 2008; Souza; Freitas, 2021). Na cidade de Manaus, podemos encontrar uma diversidade de espaços não formais que podem ser utilizados para o processo educativo (Souza; Freitas, 2023). Alguns exemplos que podem ser citados são o Bosque da Ciência, o Centro Cultural dos Povos da Amazônia, o Museu da Amazônia (mais conhecido como MUSA), o Parque do Mindu, a Praia da Ponta Negra e muitos outros lugares (Souza; Freitas, 2023). De acordo com Marandino (2016), esses núcleos são espaços de cidadania que se transformam em ambientes de pesquisas por serem locais onde há a transformação do saber.

Para Brabo *et al.* (2023), a educação em ciências na Amazônia requer práticas de pedagogia e divulgação que considerem as particularidades territoriais e socioculturais da região como a dispersão das comunidades ribeirinhas e suas rotinas ligadas aos rios, o que

gera diferentes formas de acesso à educação e à cultura. Segundo Pachón e Gonçalves (2021), é fundamental promover uma abordagem que valorize o diálogo entre saberes científicos e tradicionais em uma perspectiva descolonizadora que integre os conhecimentos locais ao ensino de Ciências, favorecendo uma educação intercultural e emancipatória. Por fim, ressalta-se o caráter político-educativo da DC contextualizada na Amazônia. Não se trata apenas de transferir conteúdos, mas de promover reconhecimento, autonomia e a preservação de modos de vida e patrimônios culturais e naturais. Para tanto, de acordo com Páchon e Gonçalves (2021) e Brabo *et al.* (2023), são necessárias políticas públicas de fomento, parcerias entre universidades, escolas e instituições locais, bem como práticas de divulgação que articulem saberes locais e globais em pé de igualdade, fortalecendo uma educação científica plural e comprometida com justiça socioambiental.

Redes sociais e popularização da ciência

Segundo Leite *et al*. (2022), o desenvolvimento da ciência e a própria ciência em si não são alheios à sociedade. Pesquisas científicas, questionamentos, dúvidas e inquietações têm sido recorrentes entre pessoas que buscam respostas ou compreensões sobre fenômenos que afetam diretamente a vida em sociedade. Um ponto que se torna uma barreira entre ciência e sociedade são as informações compartilhadas com linguagem muito técnica, já que, dependendo do público que for ter acesso a tal informação, seria necessário um nível de formação para o entendimento do conteúdo. Devido a essa questão, a DC tem se colocado como importante instrumento de popularização da ciência, revelando quem faz e o que se faz em diferentes áreas do conhecimento. Nascimento (2023) afirma que iniciativas de DC são fundamentais para promover uma sociedade mais participativa e democrática, considerando a velocidade com que a ciência evolui, as preocupações sobre sua percepção pública e a necessidade de envolver a população nos debates científicos.

Nesse contexto, novas iniciativas têm surgido e ampliado o acesso de conteúdos científicos ao público leigo. Em conjunto com a DC, as redes sociais também contribuem com a popularização da ciência. De acordo com Nascimento (2023), elas são capazes de conectar e promover interações sociais com a troca e construção de conteúdos, características que podem ser utilizadas pela esfera científica. *Instagram*, *YouTube*, *Spotify*, *blogs* e outras redes têm alcançado um número cada vez maior de pessoas e permitido acesso e envio de informações com mais facilidade e rapidez. Dentre estas comunidades virtuais citadas, o *Instagram*, uma plataforma social gratuita, de fácil acesso e utilização, voltada para o

compartilhamento de imagens (Machado, 2019), é atualmente uma das mais populares no mundo. O uso do *Instagram* há tempos se tornou uma ferramenta cujo uso tem caráter econômico, educacional e de outros setores que se utilizam desse meio.

"O *Instagram* vem cada vez mais sendo utilizado como ferramenta de DC de conteúdos, projetos de pesquisa e ensino" (Pereira *et al.*, 2019, p. 120). Graças ao seu amplo alcance, é possível utilizá-lo como ferramenta de ensino levando seus usuários a uma reflexão dos conhecimentos transmitidos. De acordo com Sousa *et al.* (2021), o *Instagram* como ferramenta de DC tem como objetivo proporcionar ao leitor o interesse por estudar um determinado conteúdo e proporcionar ensino e aprendizagem por meio da rede social. É importante, portanto, que os divulgadores de conteúdos digitais tenham consciência do seu papel na sociedade e principalmente um comprometimento com a veracidade e qualidade do conteúdo veiculado.

O Bosque da Ciência: um espaço não formal para o ensino de ciências

O Bosque da Ciência é um espaço dedicado à DC, educação e lazer que abriga, como atrativos para a visitação turística, vegetação florestal, fauna amazônica e vida livre. Inaugurado em 1 de abril de 1995, o Bosque possui uma área de aproximadamente treze hectares e contempla 24 estações de visita. Com uma localização estratégica na Zona Centro-Leste de Manaus, o espaço proporciona ao visitante um ambiente de tranquilidade, relaxamento e aprendizagem acerca da região amazônica, além do contato com a natureza em meio à cidade grande (Bosque da Ciência, 2021). Lima *et al.* (2024) relatam que, ao utilizar um espaço não formal como o Bosque, os alunos podem adquirir uma compreensão mais profunda do ambiente natural e dos conceitos relacionados à Ecologia e Biodiversidade. Portanto, como há uma diversidade de saberes dentro de cada uma das estações de visita no Bosque, os professores ganham acesso a um espaço não formal com muito potencial a ser explorado em suas aulas a fim de contribuírem com o aprendizado dos alunos relacionando ciência ao contexto amazônico.

Metodologia

Este estudo caracteriza-se como pesquisa qualitativa de caráter exploratório, cujo objetivo é proporcionar maior familiaridade com o fenômeno investigado e possibilitar uma compreensão aprofundada das práticas de DC realizadas pelo Bosque da Ciência em ambiente digital. Segundo Gil (2019), a abordagem qualitativa é apropriada para captar aspectos

subjetivos, simbólicos e comunicativos das estratégias utilizadas nas mídias sociais, especialmente quando se busca compreender relações entre linguagem, ciência e educação fora dos espaços formais. A coleta de dados baseou-se em um levantamento e análise documental de postagens públicas realizadas no perfil oficial do *Instagram* do Bosque da Ciência (*@bosque.inpa*). A análise teve como foco identificar as estratégias de DC presentes nas publicações e compreender como elas dialogam com o papel do Bosque como espaço não formal no ensino de ciências. O recorte temporal da investigação abrangeu publicações realizadas entre novembro de 2024 e junho de 2025.

Segundo Sousa *et al.* (2021), a pesquisa em ambientes digitais demanda atenção aos elementos técnicos e sociais que compõem os espaços virtuais, como linguagem, interação e formatos de mídia. Nesse sentido, a plataforma *Instagram* foi considerada não apenas como um repositório de conteúdos, mas como um espaço de produção e circulação de saberes científicos mediados pelas tecnologias digitais. Para a sistematização da análise, as publicações foram categorizadas em três grupos principais, a partir da identificação de padrões temáticos e de comunicação: (1) divulgação de atividades, (2) curiosidades e conteúdos educativos e (3) divulgação de pesquisa e ciência amazônica. A análise foi descritiva e interpretativa, considerando os sentidos mobilizados pelas postagens e sua relação com os objetivos educativos do Bosque da Ciência.

Cabe destacar que não foi possível acessar dados internos da página, tais como alcance, impressões, tempo de visualização de vídeos, ou informações sobre o uso de tráfego pago por se tratar de informações restritas ao administrador do perfil. Assim, a ausência desses dados constitui uma limitação metodológica reconhecida, mas não invalida o estudo, uma vez que a proposta da pesquisa se concentra na análise das estratégias comunicacionais visíveis ao público e de seu potencial educativo. Tal condição é alinhada à perspectiva de pesquisa documental digital baseada em conteúdos públicos e abertos (Leite *et al.*, 2022).

Como os dados analisados são de domínio público e não envolvem interação com participantes humanos, não houve a necessidade de submissão ao Comitê de Ética em Pesquisa.

Resultados e discussão

No total, foram analisadas quinze publicações do *Instagram*, levando em consideração se elas se enquadravam nas categorias estabelecidas na metodologia. As postagens foram

agrupadas conforme seus temas centrais, objetivos da publicação, número de curtidas e compartilhamentos, conforme verificado no Quadro 1:

Quadro 1 – Dados analisados das publicações do *Instagram* contemplando as categorias identificadas, descrição geral de cada categoria, exemplos de publicações selecionadas, objetivos associados a cada publicação e números de curtidas e compartilhamentos.

Categoria	Exemplos de publicação	Objetivo da publicação	Curtidas	Compartilhamentos
Divulgação de atividades	*Aedes* e *Anopheles*: que mosquitos são esses?	Garantir o acesso da população à informação de forma lúdica e acessível sobre esses dois gêneros de mosquitos	189	19
	Semana do Meio Ambiente no Bosque da Ciência	Promover a conscientização sobre a preservação ambiental e ações em prol da sustentabilidade e do cuidado com os recursos naturais	749	240
	Dia Mundial da Tartaruga	Promover atividades voltadas à conservação dos quelônios amazônicos	1.324	376
	Observação das aves: A importância de observar os pássaros em vida livre	Demonstrar para o público a importância ecológica das aves que sobrevoam Manaus com o auxílio de exposições, oficinas, jogos educativos e observações guiadas	529	80
	Disco Xepa: Música e Gastronomia contra o desperdício de alimentos	Conscientizar a população quanto ao desperdício de alimentos	238	69
	Semana de aniversário: 30 anos do Bosque da Ciência	Promover um conjunto de atividades, entre exposições, oficinas, jogos, esportes e teatro para todas as idades	2.072	809
	Em liberdade é mais bonito: não ao tráfico de animais silvestres	Conscientizar a população sobre a importância de se combater o tráfico de animais silvestres através de oficinas, exposições e jogos educativos	657	121

	Dia Nacional do Combate à Dengue	Promover a conscientização sobre a importância de combater a dengue através de dinâmicas, discussões sobre os dados epidemiológicos e dicas práticas sobre como contribuir diretamente para o controle do mosquito transmissor	145	6
Curiosidades e conteúdos educativos	Dia Internacional da Biodiversidade (vídeo com a participação da Dra. Gislene Zilse	Destacar a importância das abelhas no funcionamento dos ciclos naturais que mantêm o equilíbrio no meio ambiente	573	91
	História do Bosque da Ciência (vídeo com participação do pesquisador Juan David Revilla)	Explorar as origens desse espaço e sua importância para a conservação e a educação ambiental	162	19
	Publicação em comemoração ao Dia do Amigo	Apresentar informações sobre as ariranhas por ser um ótimo exemplo de amizade	1.487	648
	Nome científico da cutia	Apresentar as características da cutia; realização de enquete para verificar se os seguidores sabem o nome científico da cutia	1.050	35
	Curiosidades sobre a Iguana	Apresentar as características das iguanas, como nome científico, distribuição e hábitos alimentares	264	8
	As sementes da Sumaúma	Apresentar as características das sementes de Sumaúma, como estrutura e formas de dispersão	376	12
Divulgação de Pesquisa e Ciência na Amazônia	Dia Mundial do Macaco: a pesquisa da primatóloga Makiko Take	Apresentar a curiosidade descoberta pela pesquisadora em sua tese de doutorado, que verificou que o macaco-de-cheiro e o parauacu apresentam dietas distintas	261	29

Fonte: Dados públicos extraídos do *Instagram* (*@bosque.inpa*) e referentes ao período de análise de 30/11/2024 a 23/06/2025.

Divulgação de atividades: o espaço físico ampliado pelas redes

A categoria *divulgação de atividades* reúne postagens que apresentam eventos, exposições, oficinas, datas comemorativas e ações presenciais realizadas no Bosque da Ciência. Publicações (Figura 1) como as que abordam a *Semana do Meio Ambiente*, a programação sobre o *Dia Mundial da Tartaruga* e o evento *Em liberdade é mais bonito*, evidenciam o esforço de aproximar o público das atividades por meio de conteúdos acessíveis e visualmente atrativos.

Figura 1 – Publicações realizadas no *Instagram* do Bosque da Ciência relacionadas à Semana do Meio Ambiente, à programação sobre o Dia Mundial da Tartaruga e ao evento *Em liberdade é mais bonito*.

Fonte: As imagens obtidas entre os meses de fevereiro a agosto de 2025 no perfil *@bosque.inpa*.

Essas postagens tanto informam como convidam o público a participar ativamente das ações do Bosque, cumprindo uma função de mobilização e engajamento que caracteriza a dimensão educativa dos espaços não formais.

Essa prática dialoga com o que Marandino (2016) e Souza e Freitas (2021) descrevem como papel formativo dos espaços não formais: ampliar a participação social, despertar interesse pela ciência e promover vivências educativas coletivas. A natureza desses posts indica o Instagram como canal de convite e extensão da experiência presencial, consolidando o que Nascimento (2023) define como convergência entre redes sociais e divulgação científica na era digital.

Além disso, segundo o trabalho realizado por Santos e Cunha (2022) sobre o funcionamento interno do Bosque, observa-se que as redes sociais cumprem uma função que o próprio parque ainda não realiza de forma estruturada: a existência de um plano estratégico

de comunicação e divulgação. Os autores revelam que, embora haja uma valorização institucional da educação ambiental, ainda existem fragilidades importantes na comunicação entre setores, na atualização de conteúdos, no planejamento educativo e na oferta de informações acessíveis ao público.

Ao observar as métricas públicas, nota-se grande variação no engajamento: algumas publicações ultrapassam dois mil registros de curtidas e centenas de compartilhamentos, enquanto outras permanecem abaixo de duzentas interações. Embora esses valores não permitam conclusões estatísticas, pela ausência de dados internos como alcance e impressões, eles sugerem que conteúdos com apelo emocional, linguagem persuasiva e identidade amazônica tendem a gerar maior circulação e impacto social, conforme também identificado por Silva *et al.* (2021). Ainda segundo Santos e Cunha (2022), o fato de algumas publicações alcançarem milhares de interações enquanto outras permanecem com baixo desempenho também reforça a necessidade de profissionalizar a comunicação institucional, desenvolvendo estratégias contínuas de avaliação, atualização e integração entre setores, incluindo a participação dos próprios pesquisadores nas decisões comunicacionais.

Sendo assim, a divulgação de atividades no Instagram evidencia não apenas o esforço de tornar públicas as ações educativas realizadas no local, mas também funciona como indicador das potencialidades e dos desafios estruturais presentes no Bosque da Ciência.

Curiosidades e conteúdos educativos: ciência acessível e envolvente

A segunda categoria refere-se a postagens que apresentam curiosidades sobre a fauna, flora e fenômenos naturais da região amazônica, bem como conteúdos científicos explicados de maneira simplificada. A linguagem utilizada é lúdica, direta e frequentemente associada a elementos visuais como imagens de animais, vídeos curtos e enquetes. Publicações sobre a cutia, as ariranhas, a iguana e o vídeo sobre as sementes da sumaúma são exemplos que demonstram a capacidade do Bosque de transformar informações científicas em conteúdos que despertam o interesse e a curiosidade do público (Figura 2):

Figura 2 – Publicações no *Instagram* do Bosque da Ciência sobre a cutia, as ariranhas e a iguana.

Fonte: As imagens obtidas entre os meses de fevereiro a agosto de 2025 no perfil *@bosque.inpa*.

Esse padrão reflete tendências observadas por Pereira *et al.* (2019) e Sousa *et al.* (2021), que apontam o Instagram como espaço capaz de articular elementos estéticos, emocionais e informativos, favorecendo aprendizagens não formais mediadas por recursos digitais.

No contexto amazônico, essa prática assume papel ainda mais significativo, pois contribui para valorização da biodiversidade local e construção de identidade territorial, como discutem Brabo *et al.* (2023). Essa perspectiva também dialoga com estudos sobre educação científica em espaços não formais, como os de Castelo Branco *et al.* (2015), que destacam como o contato com elementos da fauna e flora amazônica desperta hipóteses, curiosidade e processos investigativos, aspectos essenciais para o desenvolvimento de uma aprendizagem significativa e situada.

O engajamento nessas postagens também indica que conteúdos educativos com estética atrativa, como fotografias de ariranhas ou cutias, possuem maior potencial de compartilhamento. Esse comportamento reforça a ideia defendida por Leite *et al.* (2022) de que redes sociais operam sob lógica híbrida entre entretenimento e informação, especialmente quando associadas à divulgação científica. Autores como Massarani e Moreira (2016) já haviam destacado que conteúdos visuais e narrativas que acionam afetos ampliam o alcance das práticas de DC e fortalecem o interesse continuado por temas científicos.

Além disso, essa estratégia adotada pelo Bosque da Ciência se aproxima da compreensão ampliada da DC, entendida como prática sociocultural que envolve não apenas a transmissão de informações, mas a criação de experiências de sentido para o público. Essa perspectiva está alinhada à proposta de alfabetização científica em contextos não formais, nos quais o conhecimento é apresentado de modo contextualizado, instigante e relevante

para o cotidiano dos seguidores. O entendimento de que espaços não formais, físicos ou digitais, ampliam as possibilidades de apropriação da ciência encontra ressonância em autores como Cascais e Fachín-Terán (2011), que mostram como ambientes de aprendizagem fora da sala de aula estimulam curiosidade, práticas investigativas e construção ativa de hipóteses.

A questão da alfabetização científica proporcionada nesses ambientes dialoga ainda com as reflexões de Chassot (2011), que vê na ciência uma ferramenta para interpretação da natureza e formação de sujeitos críticos e conscientes. Para o autor, a ciência adquire sentido quando relacionada à experiência cotidiana, à cultura e ao território, exatamente o que ocorre quando o Bosque utiliza elementos da biodiversidade amazônica como ponto de partida para conteúdos acessíveis e envolventes.

Essa articulação entre curiosidade, emoção, estética e conhecimento aproxima-se também das propostas contemporâneas de divulgação científica digital, que defendem estratégias narrativas, imagéticas e interativas para ampliar o engajamento (Machado, 2019). Assim, o Bosque da Ciência, ao transformar conteúdos da Amazônia em materiais visuais e informativos, atua simultaneamente na difusão científica, na educação ambiental e na formação de vínculos identitários com o território.

Divulgação de pesquisa e ciência amazônica: valorização da produção local

A terceira categoria reúne postagens que divulgam pesquisas realizadas na Amazônia, destacando o trabalho de pesquisadores do INPA e de outras instituições. Exemplos como o vídeo da primatóloga Makiko Take evidenciam o compromisso do Bosque em tornar a ciência local visível e acessível. Essas publicações aproximam o público da produção científica, fortalecem a valorização da biodiversidade e contribuem para a construção de uma identidade amazônica.

Essa abordagem acompanha movimentos recentes no campo da divulgação científica, nos quais o foco desloca-se do produto da pesquisa para o processo de construção do conhecimento (Fioresi; Silva, 2022). Essa perspectiva enfatiza bastidores, metodologias, trajetórias de pesquisadores e desafios enfrentados no trabalho científico, tornando o fazer científico mais humano, transparente e compreensível. Estudos sobre comunicação pública da ciência ressaltam que mostrar o processo, e não apenas resultados, contribui para a confiança pública nas instituições científicas e para a percepção da ciência como prática social situada (Massarani; Moreira, 2016; Lima *et al.,* 2024).

No contexto amazônico, essa prática possui implicações adicionais. Ao destacar pesquisadores atuando diretamente na floresta, em laboratórios regionais ou em projetos comunitários, as postagens ajudam a desconstruir estereótipos de que a região é apenas objeto de estudo externo. Em vez disso, evidenciam a Amazônia como lugar de produção de ciência e tecnologia, como defendem Pachón e Gonçalves (2021). Essa valorização dialoga com o que apontam Castelo Branco *et al.* (2015), ao argumentarem que experiências que aproximam o público de práticas científicas situadas no território amazônico despertam curiosidade, senso crítico e envolvimento afetivo com a biodiversidade local.

O desempenho dessas postagens, segundo métricas públicas, é menor quando comparado às demais categorias, mas ainda significativo. Esse padrão já havia sido identificado por Silva *et al.* (2021), indicando que conteúdos com maior densidade conceitual, como aqueles que explicam pesquisas, métodos ou dados, exigem maior investimento em estratégias comunicativas. Táticas como storytelling, uso de narrativas centradas no pesquisador, vídeos curtos, sequências explicativas e recursos audiovisuais tornam esses conteúdos mais acessíveis e contribuem para ampliar o engajamento.

Apesar do engajamento relativamente menor, o impacto qualitativo desse tipo de postagem é expressivo, pois amplia a literacia científica do público e fortalece a compreensão da ciência amazônica como prática integrada aos desafios socioambientais da região. Assim, ao divulgar pesquisas e pesquisadores, o Bosque da Ciência consolida seu papel como espaço híbrido de educação científica, comunicação pública e valorização da produção científica regional.

Conclusões

A análise das postagens do Bosque da Ciência no *Instagram* evidencia o papel das mídias digitais na DC e na valorização de espaços não formais de educação. Ao explorar diferentes categorias de conteúdo, o Bosque demonstra como a linguagem acessível e os recursos visuais das redes sociais podem ampliar experiências educativas, aproximando ciência, cultura local e tecnologia. Essa atuação contribui para a alfabetização científica, o estímulo à curiosidade e a valorização do conhecimento amazônico, consolidando o Bosque como referência em educação científica digital. O estudo reforça ainda a relevância das mídias sociais como aliadas na democratização da ciência e no fortalecimento de práticas educativas voltadas à conservação ambiental e à biodiversidade regional.

Referências

BARROS, Alessandra; SOUZA, Luciane Lopes de; FREITAS, Silvia Regina Sampaio. Divulgação científica no Museu da Amazônia: possibilidades para o estudo da biodiversidade em ambientes de ensino não formal. **Educere**: **Revista de Educação da UNIPAR**, Paraná, v. 24, n. 2, p. 326-345, jun./set. 2024.

INSTITUTO NACIONAL DE PESQUISAS DA AMAZÔNIA. Bosque da Ciência. Bosque da Ciência, s.d. Disponível em: <https://bosque.inpa.gov.br/>. Acesso em: 20 jun. 2025.

BRABO, Jesus Cardoso; FERREIRA NETO, João Amaro; SANTOS, Janes Kened Rodrigues dos. Ciência na Ilha: educação e divulgação científica em comunidades ribeirinhas da Amazônia paraense. **Revista Eletrônica Científica Ensino** Interdisciplinar, Mossoró, v. 9, n. 29, p. 306-318, abr., 2023.

BRITO, Kittéria Costa; SOUZA, Luciane Lopes de; FREITAS, Silvia Regina Sampaio. **Divulgação científica em espaços não formais**: experiência vivida no jardim botânico Adolpho Ducke (MUSA). **Revista Eletrônica Ambiente**: **gestão e desenvolvimento**, v. 18, p. 1-13, 2025. Disponível em: https://doi.org/10.24979/ambiente.vi.1715. Acesso em 20 jun. 2025.

BUENO, Wilson da Costa. Comunicação científica e divulgação científica: aproximações e rupturas conceituais. **Informação & Informação**, Londrina, v. 15, n. 1, p. 1-12, dez., 2010.

CASCAIS, Maria das Graças Alves; FACHÍN-TERÁN, Augusto. Educação Formal, Informal e Não Formal em Ciências: Contribuições dos Diversos Espaços Educativos. In: XX ENCONTRO DE PESQUISA EDUCACIONAL NORTE NORDESTE (XX EPENN), 2011, Manaus. **Anais...** Manaus, 2011.

CASTELO BRANCO, Anne; SOUZA, Débora; FACHIN-TERÁN, Augusto. O Bosque da Ciência: ambiente de aprendizagem para o ensino de ciências. **Latin American Journal of Science Education**. México, v. 2, p. 12031, jan., 2015.

CHASSOT, Attico Inacio. **Alfabetização científica:** questões e desafios para a educação. 5.ed. Ijuí: **Ed Unijuí**, 2011.

FIORESI, Claudia Almeida; SILVA, Henrique César da. Ciência popular, divulgação científica e Educação em Ciências: elementos da circulação e textualização de conhecimentos científicos. **Ciência & Educação**. São Paulo, v. 28, p. 1-17, mai., 2022.

GIL, Antônio Carlos. **Métodos e técnicas de pesquisa social**. 6.ed. São Paulo: Atlas, 2019.

JACOBUCCI, Daniela Franco Carvalho. Contribuição dos espaços não formais de educação para a formação da cultura científica. **Revista em Expansão**, Uberlândia, v. 7, p. 57-66, 2008.

LEITE, Antônio Carlos; VIANNA, Sylmara Castro; COLOMBO JUNIOR, Pedro Donizete. Divulgação científica e mídias digitais: algumas reflexões. **Revista Triângulo**, v. 15, n. 2, p. 127-137, 2022. Disponível em: https://doi.org/10.18554/rt.v15i2.6293. Acesso em: 20 jun. 2025.

LIMA, Adriane Viana; JESUS, Aline Samara Lima de; SANTOS, Saulo Cézar Seiffert. O ensino de ciências utilizando o espaço não formal do Bosque da Ciência para promover concepções dos conceitos de ecologia e biodiversidade. *In:* CONGRESSO INTERNACIONAL DE DIDÁTICA DE CIÊNCIAS E MATEMÁTICA, 1., 2024, Manaus. **Anais do Congresso Internacional de Didática de Ciências e Matemática.** Manaus: UFAM, 2024. p.79-98.

LORENZETTI, Cristina Spolti; RAICIK, Anabel Cardoso; DAMASIO, Felipe. Divulgação científica: Para quê? Para quem? — Pensando sobre a História, Filosofia e Natureza da Ciência em uma revisão na área de Educação Científica no Brasil. **Revista Brasileira de Pesquisa em Educação em Ciências (RBPEC)**, Belo Horizonte, v. 21, p. 1-27, dez., 2021.

MACHADO, Leonardo da Costa. **A utilização das mídias sociais na educação:** Facebook, Instagram e Whatsapp. 2019. 38 f. Trabalho de Conclusão de Curso (Especialização em Mídias na Educação) – Núcleo de Educação a Distância Mídias na Educação. Universidade Aberta do Brasil, Universidade Federal de São João Del Rei, São João Del Rei, MG, 2019.

MARANDINO, Martha. **A Educação em museus e os materiais educativos.** São Paulo: Ed GEENF/USP, 2016.

MASSARANI, Luisa; MOREIRA, Ildeu de Castro. **Ciência e público:** caminhos da divulgação científica no Brasil. Rio de Janeiro: Ed UFRJ, 2016.

NASCIMENTO, Adriana Cláudia Mata do. **Gamificação do projeto temático para o ensino de conceitos, análise e interpretação de dados estatísticos.** 2023. 144 f. Dissertação (Mestrado em Ensino de Ciências e Matemática) – Instituto de Ciências Exatas, Universidade Federal do Amazonas, Manaus, AM, 2023.

PACHÓN, Leidy Carolina Álvarez; GONÇALVES, Carolina Brandão. Implicações do diálogo "Cultura Indígena–Ciência" na divulgação científica. **REPI-Revista Educação, Pesquisa e Inclusão**, Boa Vista, v. 2, p. 1-14, mai., 2021.

PEREIRA, Jocimario Alves; SILVA JUNIOR, Jairo Ferreira; SILVA, Everton Vieira. Instagram como Ferramenta de Aprendizagem Colaborativa Aplicada ao Ensino de Química. **Revista Debates em Ensino de Química**, Recife, v. 5, n. 1, p. 119-131, 2019.

PRAXEDES, Gutemberg de Castro. **A utilização de espaços de educação não formal por professores de Biologia de Natal RN.** 2009. 168 f. Dissertação (Mestrado em Educação) – Centro de Ciências Exatas e da Terra, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, RN, 2009.

SANTOS, Saulo Cézar Seiffert; CUNHA, Márcia Borin da. Parque Temático, Popularização e Pesquisa Amazônica: A Proposta Do Bosque Da Ciência/INPA. **Areté - Revista Amazônica de Ensino de Ciências**, Manaus, v. 18, n.32, p. 01-29, ago./dez., 2022.

SILVA, Tatiana da; SILVA, Sandra Maria Rodrigues da; CASTRO, Carla Soraia Soares de. Divulgação científica no Instagram: instrumento de sensibilização para preservação de espécies de primatas do litoral norte da Paraíba. **Educação Ambiental em Ação**, v. 19, n. 74,

2021. Disponível em: http://www.revistaea.org/artigo.php?idartigo=4106. Acesso em: 20 jun. 2025.

SILVA, Felipe Augusto da; SOUZA, Luciane Lopes de; FREITAS, Silvia Regina Sampaio. Os zoológicos como espaços não formais e a ressignificação dos saberes no ensino de ciências. **Revista Cocar**, Belém, v. 22, n. 40, p. 1-20, jan., 2025.

SOUSA, Samuel et al. O uso do *Instagram* como ferramenta de divulgação científica. *In:* VII CONGRESSO NACIONAL DE EDUCAÇÃO (CONEDU), 7., 2021, Campina Grande. **Anais do Congresso Nacional de Educação**. Campina Grande: Realize Editora, 2021. Disponível em: https://editorarealize.com.br/artigo/visualizar/79855. Acesso em: 20 jun. 2025.

SOUZA, Luciane Lopes de; FREITAS, Silvia Regina Sampaio. Ensino de Ciências e Biologia em espaços não formais: desafios e perspectivas na educação do Amazonas. **Revista Prática Docente**, Cuiabá, v. 6, n. 2, p. 1-20, mai./ago., 2021.

SOUZA, Luciane Lopes de; IMBIRIBA, Matheus Figueira; FREITAS, Silvia Regina Sampaio; REGATIERE, Sandro Augusto. Eventos de divulgação científica como espaços não formais para a educação em ciências. **Educere: Revista de Educação da UNIPAR**, Paraná, v. 23, n. 3, p. 1152-1166, set.,2023.

SOUZA, Luciane Lopes de; FREITAS, Silvia Regina Sampaio. **Divulgação Científica:** Espaços não formais e o ensino de ciências em ambientes amazônicos. Manaus: Ed UEA, 2023.

SOUZA, Nara Souza e; FREITAS, Silvia Regina Sampaio; OLIVEIRA, Raimundo Correa de. Espaços não formais digitais: proposição e fundamentação teórica de um novo conceito educacional. **Caderno Pedagógico**, Curitiba, v. 22, n. 7, p. 1-20, mai., 2025.

Agradecimentos
O presente trabalho foi realizado com apoio da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior – Brasil (CAPES) – Código de Financiamento 001.

Sobre as autoras:

Diana Magalhães Martins
Graduada (2025) em Licenciatura em Ciências Biológicas pela Universidade do Estado do Amazonas e mestranda do Programa de Pós-Graduação em Educação em Ciências na Amazônia (UEA). Foi bolsista de Iniciação Científica por 3 anos (2021-2024) na Fundação de Medicina Tropical (FMT) na área de Entomologia Médica. Na graduação foi monitora das disciplinas Estágio Supervisionado II (2024) e Ecologia de Florestas Tropicais (2024).
E-mail: dmm.mca25@uea.edu.br
ORCID: https://orcid.org/0009-0003-9438-9079

Luciane Lopes de Souza
Licenciada (1995) e bacharela (1998) em Ciências Biológicas pela Universidade Federal do Pará. Mestre (1999) e doutora (2006) em Zoologia pelo Programa de Pós-Graduação em

Zoologia do Museu Paraense Emílio Goeldi (UFPA). Desde 2004 é professora da Universidade do Estado do Amazonas. Coordena o Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (Parfor/UEA) e é docente dos Programas de Pós-Graduação em Ensino de Ciências na Amazônia (PPGEC/UEA) e em Biodiversidade e Ensino de Ciências Naturais na Amazônia (PPGBEC/UEA). Investigadora convidada da Universidade de Coimbra.
E-mail: llopes@uea.edu.br
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-1635-460X

Silvia Regina Sampaio Freitas
Graduada em Ciências Biológicas pela UFRJ, nas modalidades Bacharelado em Genética (1998) e Licenciatura (2002). Mestre (2002) e doutora (2006) em Biologia Celular e Molecular pelo Instituto Oswaldo Cruz. Realizou pós-doutorado (2008–2010) no Instituto do Coração da Faculdade de Medicina da USP. Desde 2013, é professora da Universidade do Estado do Amazonas, onde atuou no CEST (2013–2014) e, atualmente, na Escola Superior de Ciências da Saúde (ESA). Desenvolve atividades de ensino e pesquisa na área de Biologia.
E-mail: srfreitas@uea.edu.br
ORCID: https://orcid.org/0000-0003-2987-7837

Rosilene Gomes da Silva Ferreira
Professora Adjunta da Universidade do Estado do Amazonas e Farmacêutica Bioquímica na Secretaria Municipal de Saúde. Doutora em Biotecnologia pelo PPG BIONORTE/UFAM e Mestre em Ensino de Ciências na Amazônia (UEA) e em Gestão e Auditoria Ambiental. Graduada em Farmácia (Análises Clínicas), Ciências Naturais e Biológicas pela UFAM. Atua nas áreas de Ensino de Ciências, Educação Ambiental, Biotecnologia e Biodiversidade. Integra os grupos de pesquisa sobre produtos naturais com potencial antiviral e o EPISA – Ensino, Pesquisa Interdisciplinar e Sustentabilidade na Amazônia.
E-mail: rgsilva@uea.edu.br
ORCID: https://orcid.org/0000-0002-2508-7283

Recebido em: 18/10/2025
Aceito para publicação em: 03/11/2025